



A RESSIGNIFICAÇÃO DA FERIDA COLONIAL NA ARTE CONTEMPORÂNEA COMO DISPARADOR DE DIÁLOGOS CRÍTICOS NA EDUCAÇÃO

RE-SIGNIFYING THE COLONIAL WOUND IN CONTEMPORARY ART AS A CATALYST FOR CRITICAL DIALOGUES IN EDUCATION

Francielle Cândido Garnica¹
Unicamp

Resumo: O presente artigo busca refletir sobre como a arte contemporânea, ao representar e ressignificar a ferida colonial, pode atuar como disparadora de diálogos críticos na educação, com enfoque no ensino médio. Fundamenta-se na experiência da autora como professora de História do Brasil e História da Arte no cursinho pré-vestibular popular *Principia*, quando, enquanto estudante de Artes Visuais, buscava articular em suas práticas pedagógicas os campos da história e da arte. Através de uma pesquisa bibliográfica, a autora identifica como as intervenções artísticas reconfiguram vestígios históricos, tensionando narrativas hegemônicas e fomentando a criticidade em contextos educativos. As obras aqui analisadas, de Rosana Paulino, partem da prática da ressignificação, na qual, por meio da rasura e reelaboração de arquivos coloniais, cria-se uma história outra. Com isso, busca-se compreender de que modo a arte, ao reconfigurar os vestígios do passado, pode disparar diálogos sobre aquilo que vivemos hoje na ferida colonial que tanto nos marca.

Palavras-chave: ferida colonial; ressignificação; arte contemporânea; colonialidade; Rosana Paulino.

Abstract: This article examines how contemporary art, by representing and re-signifying the colonial wound, can serve as a catalyst for critical dialogues in education, with particular attention to the secondary school context. The discussion is informed by the author's experience as a teacher of Brazilian History and Art History at *Principia*, a popular pre-university program, during which—while still a Visual Arts student—she sought to integrate the fields of history and art into her pedagogical practice. The works analyzed, by Rosana Paulino, are grounded in the practice of re-signification, wherein the erasure and reworking of colonial archives give rise to alternative historical narratives. Through this lens, the article explores how art, by reconfiguring the traces of the past, can open pathways for dialogue about the enduring presence of the colonial wound in contemporary life.

Keywords: colonial wound; re-signification; contemporary art; coloniality; Rosana Paulino.

¹ Francielle Cândido Garnica é mestranda em Educação na Unicamp, na linha de pesquisa Linguagem e Arte em Educação. Graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) – Campus Bauru. (Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3143645788548075>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0931-1740>)



1 INTRODUÇÃO

A ferida colonial permanece presente nas estruturas sociais, culturais e educacionais contemporâneas, manifestando-se de forma profunda e persistente. Nesse contexto, a arte contemporânea assume um papel fundamental ao representar e ressignificar essas marcas históricas, oferecendo caminhos para a construção de diálogos críticos que desafiam narrativas hegemônicas e convidam à reflexão.

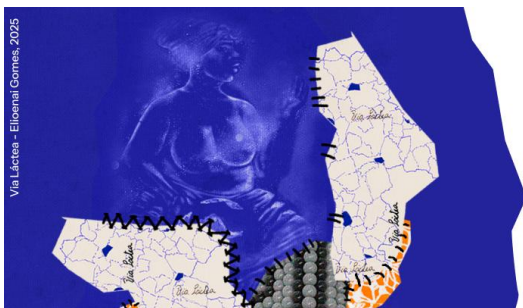
Este artigo busca refletir sobre o potencial da arte contemporânea, especialmente na ressignificação da ferida colonial, como disparadora de diálogos críticos na educação, com ênfase no ensino médio. Fundamenta-se na experiência da autora como professora de História do Brasil e História da Arte no cursinho pré-vestibular popular Principia, onde, enquanto estudante de artes visuais, buscava desenvolver práticas pedagógicas que articulavam os saberes da história e da arte.

A análise concentra-se nas obras de Rosana Paulino, artista que, a partir da ressignificação e da rasura de arquivos coloniais, cria narrativas outras, capazes de tensionar o legado colonial e estimular novas formas de conhecimento e resistência. Por meio dessa perspectiva, o artigo busca evidenciar como essas obras podem contribuir para práticas educativas que ampliem o olhar crítico dos estudantes sobre a história e suas consequências contemporâneas.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A Ferida Colonial

Para Aníbal Quijano (2014), mesmo após o fim da colonização, a colonialidade se perpetua e permanece nos sistemas e nas estruturas do mundo, sendo evidenciada



nas relações étnico-raciais, de classe, gênero, nos sistemas de produção, no controle do poder, da natureza, da economia e do conhecimento. É o que chamamos de ferida colonial: as marcas do passado colonialista que permanecem vivas na contemporaneidade.

O termo possui sua genealogia desconhecida, mas já foi utilizado por diversos autores como Gilberto Freyre, Walter Dignolo, Grada Kilomba, entre outros. Para Walter Dignolo (2017), a colonialidade não é apenas um resquício do passado, mas uma ferida viva que se manifesta em diversas esferas. Suely Rolnik (2019) argumenta que o regime logrou colonizar o conjunto do planeta, “incidindo macro e micropoliticamente em todas as suas entranhas, ao ponto de que hoje nenhuma atividade humana escapa.” (2019, p. 116 - 117).

As desigualdades e injustiças socioculturais produzidas pelo colonialismo, além do legado epistemológico do eurocentrismo, se manifestam na colonialidade do saber, o que implica na dificuldade de compreensão do mundo em que diferentes povos vivem com seus próprios horizontes de sentido. Trata-se de um processo de desumanização.

O colonizado teve sua cultura negada, seus saberes impugnados, suas crenças retorquidas, suas filosofias de vida desvalorizadas, suas terras roubadas e seu trabalho explorado. Eduardo Galeano (2010, p.11) afirma que

“O atraso e a miséria da América Latina não são outra coisa senão o resultado de seu fracasso. Perdemos; outros ganharam. Mas aqueles que ganharam só puderam ganhar porque perdemos”.

O autor argumenta que o subdesenvolvimento da América Latina integra a história do desenvolvimento do capitalismo mundial. “Nossa derrota esteve sempre implícita na vitória dos outros. Nossa riqueza sempre gerou nossa pobreza por nutrir a prosperidade alheia” (Galeano, 2010, p. 11).



É a América Latina, a região das veias abertas. Do descobrimento aos nossos dias, tudo sempre se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e como tal se acumulou e se acumula nos distantes centros do poder. Tudo: a terra, seus frutos e suas profundezas ricas em minerais, os homens e sua capacidade de trabalho e de consumo, os recursos naturais e os recursos humanos (Galeano, 2010, p. 10).

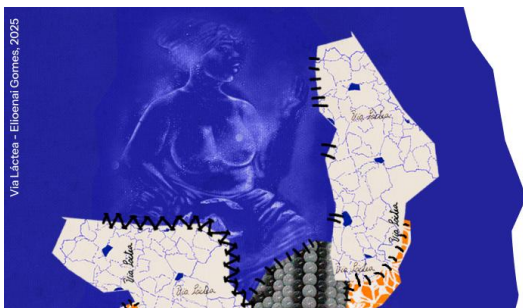
Esse processo de desumanização é discutido por Walter Mignolo (2007) no conceito de diferença colonial, onde “A relação estabelecida nos moldes da colonialidade provoca uma ruptura entre o colonizado e a própria identidade ao subjugar-lo aos mandos e desmandos do colonizador.” (Severino; Romão, 2019, p. 205). Compreende-se que a presença do colonizador impede a manifestação e o desenvolvimento de identidades autônomas, emancipadas e plenas do colonizado. Para se referir a tal processo é utilizado o termo epistemicídio, cunhado por Boaventura Souza Santos, onde:

O colonizador, ao conquistar e dominar os povos não-europeus e suas culturas, não praticou apenas genocídios físicos e dominação econômica, mas também epistemicídios, sufocando expressões de conhecimento próprias e originais dessas outras culturas. (Santos apud Severino; Romão; 2019, p. 202)

Contrariamente a isso, surgem propostas que tentam subverter a ordem hegemônica da epistemologia europeia. Tais articulações têm como foco superar os marcos da colonialidade instaurada nos campos do poder, do ser e do saber. Trata-se de um pensamento intitulado como decolonial.

O conceito decolonialidade surge através do grupo nomeado Modernidade/Colonialidade (M/C) no final dos anos 1990. Um coletivo formado majoritariamente por intelectuais latino-americanos desenvolveram um importante debate sobre modernidade e colonialidade na América Latina, tendo como foco “identificar e superar os marcos da colonialidade instaurada nos campos do poder do saber e do ser” (Severino; Romão; 2019, p. 205). O grupo teve como principais nomes Aníbal Quijano, Enrique Dussel e Walter Mignolo. Para Mignolo (2017, p. 6):

O pensamento e a ação descoloniais focam na enunciação, se engajando na desobediência epistêmica e se desvinculando da matriz colonial para possibilitar opções descoloniais – uma visão da vida e da sociedade que



requer sujeitos descoloniais, conhecimentos descoloniais e instituições descoloniais. O pensamento descolonial e as opções descoloniais (isto é, pensar descolonialmente) são nada menos que um inexorável esforço analítico para entender, com o intuito de superar, a lógica da colonialidade por trás da retórica da modernidade, a estrutura de administração e controle (...).

Embora seu debate seja recente no Brasil, a temática “educação decolonial” vem obtendo uma crescente aderência por parte de pesquisadores e professores que possuem como foco pensar a educação por uma outra perspectiva. Dentro desse debate estão presentes temas como histórias e culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras, relações étnico-raciais, memória, patrimônio, construção de identidade, movimentos sociais e políticos, sempre buscando romper com a marca da colonialidade que hoje se faz presente na educação.

A artista visual brasileira Jota Mombaça disserta que a luta da descolonização é sempre uma luta pela abolição do ponto de vista do colonizador e, conseqüentemente, é uma luta pelo fim do mundo - o fim de um mundo:

Fim do mundo como conhecemos. Como nos foi dado a conhecer - mundo devastado pela destruição criativa do capitalismo, ordenado pela supremacia branca, normalizado pela cisgeneridade como ideal regulatório, reproduzido pela heterononnormatividade, governado pelo ideal machista de silenciamento das mulheres e do feminino e atualizado pela colonialidade do poder; mundo da razão controladora, da distribuição desigual da violência do genocídio sistemático de populações racializadas, empobrecidas, indígenas, trans e de outras tantas. O apocalipse deste mundo parece ser, a esta altura, a única demanda política razoável. (Mombaça, 2016, p. 15)

A teórica portuguesa Grada Kilomba (2019, s/p) afirma que “por nunca ter sido tratada, a ferida colonial dói sempre, por vezes infecta, e outras vezes sangra”. A autora complementa dizendo que a história é mal contada, contada ao contrário, e que quando essa ferida sangra ficamos sem saber o porquê. “Acredito que a literatura e a arte podem dar ferramentas e linguagens às novas gerações para tratar essa ferida, para colocar as coisas nos sítios certos e saber quem é quem e o que fez e porquê” conclui a escritora. Tal pensamento é fio condutor da presente pesquisa. Busca-se



aqui, portanto, propor um trabalho pedagógico que, através da arte contemporânea, dispare diálogos sobre “quem é quem e o que fez e porquê”.

2.2 A Ferida Colonial refletida na obra

Retratar os efeitos da situação colonial e o legado do colonialismo é o trabalho de múltiplos artistas que trazem à luz a contestação de outras formas de ser e existir no mundo. Para Eduardo Moura, “O espelho da América Latina reflete uma imagem colonial.” (2020, p. 46). A composição visual da América Latina contribui para que se perpetue as heranças coloniais através da construção de uma narrativa visual, verbal, gestual e sonora. Logo, “Interessa fazer coro às vozes que querem ecoar rumo à decolonialidade do saber, do ser e do poder na América Latina” (2020, p. 43). O autor disserta que se faz necessário “deglutir os códigos que não refletem a imagem do que é a América Latina, na busca pela legitimação das imagens que representam esse território” (2019, p. 322), sendo esse, o desafio de pensar a educação através da arte pela opção decolonial, essa produção de saberes por outras epistemes.

A arte-educadora Ana Mae Barbosa cita que “Arte e Cultura Visual devem conviver nos currículos e salas de aulas, suas imagens devam ser analisadas com o mesmo rigor crítico para combatermos formas colonizadoras da mente e dos comportamentos” (Barbosa, 2010, p. 22). Edgardo Lander cita Maritza Monteiro com uma das principais contribuições para a episteme latinoamericana sendo ela “*La idea de liberación a través de la praxis, que supone la movilización de la conciencia, y un sentido crítico que lleva a la desnaturalización de las formas canónicas de aprehender-construir-ser en el mundo.*” (2000, p. 28).

Como é dito pelo Professor Ernani Maria Fiori no prefácio de Pedagogia do Oprimido (Freire, 1971), a prática da liberdade só se encontrará adequada expressão



numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica. O processo de desumanização causado pelo colonialismo é então retomado quando discutimos o conceito de invasão cultural, empregado por Paulo Freire.

A invasão cultural (Freire, 1971), é um processo de opressão que ocorre não apenas economicamente, mas culturalmente, “roubando ao oprimido conquistado sua palavra também, sua expressividade, sua cultura.” (Freire, 1971, p. 78). O autor a descreve como uma penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão do mundo, “os invasores são os autores e os atores do processo, seu sujeito; os invadidos, seus objetos.” (Freire, 1971, p. 86). Nesse processo, os invadidos vão se reconhecendo como inferiores enquanto reconhecem seus invasores como superiores.

Contudo, na mesma medida que a invasão cultural corrobora com a desumanização do invadido, Freire vê na ação cultural um meio para sua humanização. O teórico disserta que “a ação cultural, como ação histórica, se apresenta como instrumento de superação da própria cultura alienada e alienante.” (Freire, 1971, p. 105). É através da cultura que se pode obter o esforço de conscientização indispensável ao processo revolucionário visando a libertação do sujeito. Enxerga-se na arte, portanto, potência para uma educação libertadora.

2.3 A arte como potência para uma educação libertadora

Ressignificar imagens, narrativas e sentidos herdados do colonialismo é uma das potências mais incisivas da arte contemporânea. No contexto educacional, essas práticas tornam-se especialmente relevantes ao permitirem o enfrentamento crítico das marcas históricas da colonialidade. Obras que reelaboram visualidades do



passado, como as de Rosana Paulino, oferecem aos educadores a oportunidade de mediar experiências formativas que desafiam a naturalização das hierarquias estéticas, raciais e epistêmicas.

A obra *Assentamento* (2001), de Paulino, é exemplar nesse sentido: ao intervir em fotografias etnográficas do século XIX, utilizadas para sustentar discursos racistas, a artista recontextualiza e reinscreve essas imagens a partir da costura, do bordado e da sutura. A violência simbólica dessas fotografias não é apagada, mas resignificada: aquilo que foi produzido como marca da inferiorização passa a operar como índice de resistência, subjetividade e memória. Através de sua arte, Paulino tenta trazer subjetividade e humanidade:

Foi a partir daí que eu penso: essa mulher, por exemplo, que estou operando com essa imagem, ela teve afetos, ela tem uma cultura, uma língua. Por isso, eu trago o coração. É uma maneira – uma cirurgia, como você falou – de devolver essa humanidade que as imagens de ciência, ou melhor, de pseudociência retiraram desses indivíduos. (Paulino, 2021)

Sua obra evidencia que é necessário encarar o passado com outro olhar e a complexidade da história da visualidade brasileira. História essa, que está totalmente relacionada ao presente, na ferida colonial que tanto nos marca. Rosana Paulino costura memórias, através do bordado, da rasura, da intervenção nas fotografias, dá-lhes outra significação.

Essa obra, quando levada para o contexto do cursinho popular, mostrou-se especialmente potente. Os estudantes, majoritariamente jovens periféricos, tinham como interesse comum o ingresso na universidade pública, mas raramente haviam tido contato com a arte contemporânea em sua trajetória escolar. Ao se depararem com a obra de Rosana Paulino, muitos se reconheceram nas imagens e nos silenciamentos que ela tensiona. As discussões que emergiram a partir dessa experiência permitiram que se abrisse um espaço de elaboração crítica, tanto da arte, quanto da história e seus reflexos na contemporaneidade. A resignificação da imagem, enquanto gesto artístico, se desdobra como possibilidade de resignificação de si, de sua história e de seus modos de existir no mundo.



Nesse processo, a leitura de imagem se torna uma prática fundamental para acessar sentidos latentes e tensionar narrativas dominantes. A mediação crítica pode ser guiada por perguntas que mobilizem a escuta e a análise: Que tipo de fotografia é essa? Quem foi retratado e por que motivo? Qual era o propósito original dessa imagem no século XIX? O que a artista acrescentou ou modificou? Com que materiais ela interveio? Como o uso do bordado altera o sentido da imagem original? Que emoções ou reflexões essa obra desperta em você? Como essa imagem pode nos ajudar a pensar o racismo estrutural e a herança colonial hoje? Essas perguntas funcionam como disparadoras de diálogos e podem orientar debates em sala de aula, permitindo que estudantes se posicionem criticamente diante da produção de imagens e da construção das narrativas visuais.

Como aponta Kilomba (2019), “a ferida colonial sangra porque nunca foi tratada”; a arte, ao rasurar e reconstituir o que foi apagado, oferece caminhos para que essa ferida seja compreendida, nomeada e historicizada. E a educação, ao incorporar tais práticas, pode se tornar espaço de mediação entre a dor herdada e a possibilidade de cura simbólica.

Ressignificar, nesse contexto, não é apenas reinterpretar o passado, mas transformá-lo em matéria de elaboração crítica. A arte, assim, não apenas denuncia o que foi silenciado, mas também anuncia o que pode vir a ser, abrindo brechas para futuros outros.

Estamos vivendo uma revolução na arte contemporânea brasileira, de acordo com Alessandra Simões Paiva “trata-se da virada decolonial, fenômeno marcado pelo crescimento exponencial de poéticas que expressam questões como raça, etnia, classe, gênero e geopolítica articuladas de forma interseccional” (2022, p. 15). Encontra-se a necessidade, portanto, de que essa revolução ultrapasse os muros das instituições culturais e das academias e adentre a educação de maneira atuante.



3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao revisitar histórias e memórias a partir da arte contemporânea, o educador assume um papel fundamental na construção de leituras críticas sobre o passado colonial e suas permanências. As obras e narrativas aqui discutidas demonstram que a arte é capaz de tensionar estruturas históricas, revelar silenciamentos e reabrir diálogos sobre feridas ainda abertas. No contexto das macro e micropolíticas da educação, pensar práticas pedagógicas que articulem memória, crítica e criação não é apenas um gesto estético, mas também político. É por meio dessa mediação que se torna possível desestabilizar imaginários coloniais, legitimar outras epistemologias e cultivar, no educando, a capacidade de interpretar o mundo de maneira autônoma e consciente. Assim, o ensino de artes pode se afirmar como um movimento coletivo de resistência e de invenção de futuros, no qual educadores, estudantes e comunidades se reconhecem como sujeitos históricos capazes de transformar as narrativas que os moldam.

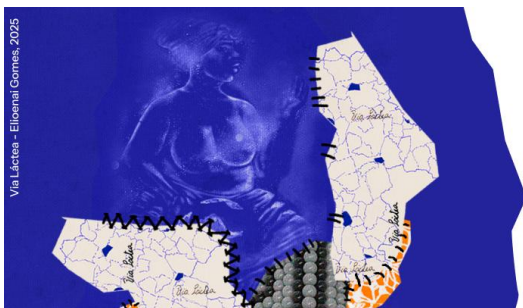
REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (org.). *Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2010.

KILOMBA, Grada. “O colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Dói sempre, por vezes infeta e outras vezes sangra”. Entrevista concedida a Geledés – Instituto da Mulher Negra. Geledés, 30 maio 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-colonialismo-e-uma-ferida-que-nunca-foi-tratada-doi-sempre-por-vezes-infeta-e-outras-vezes-sangra/>. Acesso em: 16 abr. 2025.



LANDER, Edgardo (org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*. Caracas: CLACSO, 2000.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 32, p. e329402, 2017.

MIGNOLO, Walter. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (org.). *El giro colonial*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 25-46.

MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Porto Alegre: Editora Cobogó, 2021.

MOURA, Eduardo Junio Santos. *Heranças coloniais e pensamento decolonial em arte/educação na América Latina*. 2020.

MOURA, Eduardo Junio Santos. Des/obediência docente na de/colonialidade da arte/educação na América Latina. *Revista GEARTE*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 313-325, maio/ago. 2019. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte>

PAIVA, Alessandra Simões. *A virada decolonial na arte brasileira*. São Paulo: Editora Mireveja, 2022.

PAULINO, Rosana. “Somos muito ingênuos em relação ao poder da imagem, afirma Rosana Paulino”. Entrevista concedida a Anna Ortega. *Jornal da Universidade*, UFRGS, Porto Alegre, 24 jun. 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina. In: MIGNOLO, Walter; et al. *Capitalismo y geopolítica del conocimiento: el eurocentrismo y la filosofía de la liberación en el debate intelectual contemporáneo*. 2. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014. p. 119-132.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 Edições, 2019.

SEVERINO, Antônio Joaquim; ROMÃO, Ney Pereira. Posições decolonizantes no pensamento filosófico-educacional no Brasil. In: SEVERINO, Antônio Joaquim; MARCONDES, Odair Maria (org.). *Filosofia da educação na América Latina: aproximações, diálogos e perspectivas*. São Paulo: Cartago, 2019. p. 202-236.